



SEÇÃO: EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Kenosis como caminho para a construção da paz

Kenosis as a way to build peace

Kénosis como forma de construir la paz

Raphael Colvara Pinto¹

orcid.org/0000-0002-9270-2653

raphaelpinto962@hotmail.com

Recebido em: 19/09/2021.

Aprovado em: 05/10/2021.

Publicado em: 30/12/2021.

Resumo: A crescente escalada de violência no Oriente Médio, a perseguição às minorias étnicas na África e no sul asiático chamam atenção para o recrudescimento do fundamentalismo em diversas partes do mundo. Tomando em consideração esse contexto, partimos do pressuposto de que as experiências religiosas são complexas e ambíguas, tendo um potencial para mobilizar uma agenda positiva para a construção da paz e da solidariedade, bem como para gerar intolerância e morte. Hoje, mais do que nunca, cresce no Ocidente a convicção de que o Islã é perigoso e violento. Contudo, os defensores de tal ideia fecham os olhos para as atrocidades cometidas pelos países ricos do Atlântico Norte que, em nome da democracia e da liberdade, acobertam seus interesses escusos. A hipótese, aqui assumida, é que a politização do debate acerca do terrorismo e da religião tem gerado equívocos, que transformam o ódio em virtude e a perseguição em mérito. Tomando em consideração tais dificuldades, propomos pensar a Kenosis de Jesus, uma maneira pela qual os cristãos podem reconhecer suas próprias afirmações fundamentais, respeitando e convivendo em um mundo plural.

Palavras-chave: Kenosis. Violência. Fundamentalismo. Religião. Paz.

Abstract: The growing escalation of violence in the Middle East and the persecution of ethnic minorities in Africa and South Asia draw attention to the resurgence of fundamentalism in different parts of the world. Taking this context into account, we assume that religious experiences are complex and ambiguous, having the potential to mobilize a positive agenda for building peace and solidarity, as well as generating intolerance and death. Today, more than ever, the conviction that Islam is dangerous and violent is growing in the West. However, the defenders of such idea turn a blind eye to the atrocities committed by the rich countries of the North Atlantic that, in the name of democracy and freedom, cover up their vested interests. The hypothesis, assumed here, is that the politicization of the debate about terrorism and religion has generated misunderstandings, which transform hatred into a virtue and persecution into merit. Taking these difficulties into account, we propose to think about the Kenosis of Jesus, a way in which Christians can recognize their own fundamental affirmations, respecting and living together in a plural world.

Keywords: Kenosis. Violence. Fundamentalism. Religion. Peace.

Resumen: La creciente escalada de violencia en el Medio Oriente y la persecución de las minorías étnicas en África y el sur de Asia llaman la atención sobre el resurgimiento del fundamentalismo en diferentes partes del mundo. Teniendo en cuenta este contexto, asumimos que las experiencias religiosas son complejas y ambíguas, que tienen el potencial de movilizar una agenda positiva para la construcción de la paz y la solidaridad, además de generar intolerancia y muerte. Hoy, más que nunca, crece la convicción en Occidente de que el Islam es peligroso y violento. Sin embargo, los defensores de tal idea hacen la vista gorda ante las



¹ Pesquisador autônomo, Boston College, Boston, MA, USA.

atrocidades cometidas por los países ricos del Atlántico Norte que, en nombre de la democracia y la libertad, encubren sus intereses creados. La hipótesis, asumida aquí, es que la politización del debate sobre terrorismo y religión ha generado malentendidos, que transforman el odio en virtud y la persecución en mérito. Teniendo en cuenta estas dificultades, nos proponemos pensar en la Kenosis de Jesús, una forma en la que los cristianos pueden reconocer sus propias afirmaciones fundamentales, respetando y conviviendo en un mundo plural.

Palabras clave: Kenosis. Violencia. Fundamentalismo. Religión. Paz.

Introdução

"Conscientes das mudanças em cursos, já não podemos continuar os mesmos. Em primeiro lugar, é preciso aprender a enriquecer-se com a história. Em segundo lugar, há lições a concretizar".
(Agenor Brighenti)

Cada crise coloca uma lupa nas contradições da realidade da vida. Com a queda do Muro de Berlim e a hegemonia do neoliberalismo fez-se acreditar que as fronteiras estariam desaparecendo, dando lugar a um mundo interconectado, uma cidadania global marcada pelos fluxos e redes (PINTO, 2021). Acreditava-se que havíamos chegado "ao fim da história" (FUKUYAMA, 1992) e de que agora, poderíamos dormir tranquilamente em berço esplêndido. Não obstante, tais promessas de um futuro promissor deram lugar a um pessimismo desconcertante e mordaz. Rivalidades religiosas, animosidade tribais e disparidades econômicas foram alguns dos elementos desses conflitos latentes.

Os sucessivos atentados terroristas, em diversas regiões do planeta (KÜNG, 2005, p. 253) chamaram atenção para uma realidade perturbadora que está associada, em parte, às formas variantes de extremismo religioso: "numa sociedade assim, os sentimentos de insegurança existencial e os temores disseminados de perigos generalizados são, inevitavelmente, endêmicos" (BAUMAN, 2007, p. 63-64).

1 Experiência religiosa e patologia

Para uma parcela dos crentes, a questão-chave é que a autoridade do texto (inerrância bíblica) passa pelo entendimento de que nenhuma estrutura interpretativa é necessária, isto é, o próprio texto fornece uma expressão clara, defendida pelos fundamentalistas como verdade. Tal postura compreende que só existe uma leitura interpretativa que é empreendida pelas lentes daqueles que, supostamente, se consideram detentores da verdade. A presunção fundamentalista é de que há apenas uma narrativa autêntica, uma maneira certa de interpretar e somente essa pode ser aceita.

Nos diferentes livros sagrados, em diferentes tradições, existem textos que, se interpretados literalmente, podem gerar celeuma e distorções. Essa é uma das razões pelas quais a religião pode tornar-se fonte de intolerância; sendo assim, tais ensinamentos legitimam direta ou indiretamente a violência estrutural. Por isso, o texto bíblico onde se lê: "eu vim trazer divisão" (Lc 12, 51) precisa ser interpretado à luz dos contextos históricos. Frente a isso, alguns estudiosos têm associado, de maneira indevida, terrorismo e religião, como se essas fossem constitutivas (CAVANAUGH, 2009).

Infelizmente, a criação de identidades binárias antagônicas transformou o discurso da violência em uma declaração de legitimação de apenas um lado. As inúmeras reivindicações fundamentalistas, juntamente com a utilização dos meios globais de comunicação, tornaram-se um ingrediente explosivo para difusão de tais posturas.

2 A politização do terrorismo² e da religião

"Eu imagino que uma das razões para as quais a pessoas se apegam a seu ódio, com tanta teimosia, é porque elas sentem, uma vez que ódio se foi, são forçadas a lidar com suas dores".
(James Baldwin)

² O campo de estudo sobre o terrorismo estabeleceu-se rapidamente, a partir da década de 1970, como uma área distinta de pesquisa. Os atos violentos nas Olimpíadas de 1972, em Munique, foi o evento que deu início ao que se chamou "terrorismo moderno". Na ocasião, o evento era transmitido para mais de 900 milhões de pessoas em todo o mundo, o que fez com que tivesse um impacto global.

Os acontecimentos do 11 de setembro de 2001 emergiram como um tema central nas grandes discussões acerca do papel do terrorismo e da religião na atualidade (KÜNG, 2005, p. 263). O então presidente dos Estados Unidos, George Bush, qualificou os atos como uma "guerra de civilizações", declarando-os como "inimigos da liberdade humana". O risco e a insegurança tornaram-se uma realidade global e cotidiana. Na opinião do referido presidente, tratava-se de uma luta entre o "bem e o mal", entre o "fanático e intolerante" e o "bom norte-americano". Essa suposta ocultação da alteridade reascende o debate sobre herança sanguínea e étnica, a fim de estabelecer as fronteiras entre "eles" e "nós", acarretando mudanças substanciais de direitos e deveres em relação ao papel daqueles tipos como "suspeitos" ou "indesejados". A supremacia militar estadunidense fez com que seus líderes pensassem que os mesmos gozam de uma posição incontestável de superioridade material e moral, simplesmente por seu poderio bélico hegemônico.

A luta unilateral de "guerra ao terror" tornou-se uma proposta atrativa para resolver os conflitos com o Iraque, invadindo o país e derrubando o regime de Saddam Hussein, sob pretensões de ajuda humanitária. Na mesma linha, uma série de acontecimentos históricos corroboram tal ideia, especialmente quando analisamos as sucessivas intervenções militares no Golfo Pérsico, desde 1945. Em 1950, o Canal de Suez era o principal e mais econômico acesso pelo qual o petróleo chegava à Europa Ocidental. A decisão de nacionalizá-lo foi um fator-chave que suscitou a intervenção anglo-francesa contra o Egito. O imperativo de garantir livre acesso, evitando qualquer tipo de resistência, foi, sem dúvida alguma, uma das estratégias utilizadas para apropriação indevida dos recursos naturais daqueles países.

O termo "terrorismo jihadista" foi usado, pela primeira vez, por fontes ocidentais para falar do contexto de guerra contra a União Soviética, no Afeganistão, nos anos de 1980, no período da

"guerra fria". Naquele momento, a função do islamismo político no Oriente Médio não pôde ser ocultada; adquirindo sua dupla justificativa: lutar contra o Estado corrupto e a promessa de independência sob a égide da fé.

Como se observa, o problema não reside na falta de informação, mas no uso seletivo e sensacionalista dos grandes meios de comunicação, abordando o tema e difundindo o medo. Os referidos acontecimentos vão juntos com a crescente desistorização do terrorismo, resultando em um quadro altamente unilateral dos atos e das razões que motivaram tamanha violência e, assim, a persistência do foco no terrorismo religioso islâmico tornou-se visível. Essa postura, que encobre inúmeros interesses, foi o que garantiu o passaporte para as potências ocidentais declararem "guerra ao terror", impingindo estereótipo para justificar as ações beligerantes.

3 A Kenosis³ de Jesus como horizonte para a paz

"O triunfo da cruz é o fruto de uma renúncia tão total que a violência pode se desencadear sobre Cristo até ficar saciada, sem suspeitar de que, desencadeando-se, torna-se manifesto o que lhe interessa dissimular".
(René Girard)

Buscando entender os desafios que irrompem na atualidade, propomos um caminho que traz a complexidade da violência à luz do mistério da Kenosis de Jesus. Essa faceta revela um ponto de partida importante para reunir os vários fragmentos diante da crescente escalada de terrorismo mundial.

Como compreender a paz, sendo que o cristianismo histórico trouxe divisão, morte, imperialismo e destruição de culturas autóctones? A paradoxal resposta a essas questões passa pelo entendimento dos processos ambíguos da experiência religiosa (KÜNG, 2005, p. 258), pois a revelação divina acontece também nas fraturas das mediações histórico-culturais.

Jesus veio propor uma nova ordem, o Reino (*basileia*). Suas implicações políticas podem ser lidas como uma resposta não violenta à opressão

³ Palavra grega que designa autoesvaziamento em favor de outrem. Normalmente refere-se do texto da Carta de São Paulo aos Filipenses, onde o autor da Epístola aborda o processo de abaixamento de Jesus, assumindo livremente a morte de cruz.

romana: "Bem-aventurados os que promovem a paz" (Mt 5, 9). Essa mensagem revolucionária é considerada a "carta magna" do Evangelho: "Felizes quando por minha causa vos insultarem, perseguirem e, mentindo, disserem todo o tipo de mal contra vós" (Mt 5, 11). O texto segue contradizendo o preceito judaico, "olho por olho, dente por dente": "Eu, porém, lhes digo [...] se alguém lhe bater na face direita, ofereça-lhe também a outra" (Mt 5, 38-39).

Este fundamento cristológico permite um foco transformador: "o maior seja o servidor de todos". Por isso, a insistência de Jesus: "é necessário que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos chefes dos sacerdotes e doutores da lei; seja condenado à morte e ressuscite no terceiro dia" (Lc 9, 22). Jesus manifesta a vida recebida do Pai, que continua a ser dom sem reserva; por isso, convida: "se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Lc 9, 23). Prossequindo diz: "abençoaí aos que vos amaldiçoam, orai pelos que vos acusam falsamente" (Lc 6, 28). Isso nada tem a ver com passividade ou conformismo, mas confiança sábia no projeto salvador do Pai.

A morte e a ressurreição de Jesus não ocultam as contradições e as ambiguidades: "mostrou-lhes as mãos e o lado/as cicatrizes" (Jo 20, 25), mas as conserva como parte essencial de seu ministério, convidando os seus para assumirem a marginalidade voluntária como Ele abraçou: "Vós sabeis que os chefes das nações as oprimem e os grandes a tiranizam, mas entre vós, não dever ser assim: quem quiser ser grande seja o vosso servo" (Mc 10, 42).

Sua *Kenosis* não procura derrubar ou dominar, mas, sim, nos fala de libertação e solidariedade. Esta é a realização da ausência total: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Mc 15, 34) é o entrelaçamento do profético e do ético, pois, à medida em que a humanidade se abre ao sofrimento e ao amor, em simpatia com o *pathos* de Deus, torna-se capaz de se solidarizar com outros e se deixar tocar pelos seus problemas e

limitações. Essa experiência de aparente fracasso abre um caminho para uma trajetória original. O padecimento e a morte de Jesus constituíram uma *passio activa*, um ingresso consciente na *vía crucis*, um assentimento para a morte (MOLTMANN, 2011, p. 94).

O Deus revelado, em Jesus, tornou-se uma realidade perturbadora, pois sua morte infame não foi um acidente ou um erro, mas foi uma execução política provocada pelo rompimento da ordem social. Sua pregação e denúncia o levaram a um lugar da condenação. No rosto do Deus escondido, que se tornou esperança em meio às desesperanças, vislumbrou-se a face da humanidade sofredora estampada no amor e na violência.

Na cruz, se tem uma dupla perspectiva. A primeira narra o profundo distanciamento entre o Pai e o Filho, a tal ponto que Jesus morre "sem Deus". Para Moltmann, o axioma da apatia na doutrina de Deus torna a paixão de Cristo um evento que não vai além de uma tragédia humana. Assim, os que reconhecem tão somente o sofrimento do Jesus histórico, sem um horizonte mais amplo, poderão reduzir a fé cristã a um relato de dor frio e masoquista. A segunda perspectiva, que é aqui assumida, compreende que o Pai e o Filho estão tão unidos que constituem um único gesto de entrega. O sofrimento de Cristo é o sofrimento do próprio Deus, pois quando se aborda tal realidade do ponto de partida, o *pathos* divino, então: "se pensa em Deus não em sua dimensão absoluta, mas como Ele é entendido na sua paixão e no seu envolvimento com a história" (MOLTMANN, 2011, p. 40). Como Pai, Ele padeceu "com" e "pelo" seu Filho. Isto não significou a morte de Deus, mas o começo de seu Espírito vivificante de amor, onde a sexta-feira não foi apenas a representação do desamparo de Jesus. E como afirma Moltmann: "a eterna beatitude de Deus não se baseia na ausência da dor [...], os padecimentos não são excluídos, mas sim assumidos e transformados em glória" (MOLTMANN, 2011, p. 40). Com isto, o autor encoraja os cristãos a aceitarem também

o sofrimento na perspectiva de Jesus.

Com a crucificação de Cristo, abre-se no mundo o espaço para ver o amor *kenótico* do Pai revelado no Filho e: "então o autossacrifício do amor constitui a eterna essência de Deus. Nenhuma definição da essência divina poderá abstrair disso" (MOLTMANN, 2011, p. 40). A crucificação torna-se o local da revelação do amor *Ágape*, levado a sua plenitude, de tal maneira que o Evangelho de João afirma: "Deus amou o mundo que lhe deu o seu Filho único, para que todos os que nele creem não pereçam, mas tenham a vida eterna" (Jo 3, 16).

A cruz configurou-se como lugar do amor de Cristo pelo mundo, trazendo o lugar de Deus na história, que continua a sofrer ainda hoje nos mais variados contextos violentos. Este espaço aberto pelo mistério da encarnação e da paixão de Jesus abraça as várias realidades presentes no mundo, sobretudo os que mais sofrem, pois: "O sofrimento imerecido é o sofrimento divino. E os padecimentos do Deus inocente trazem para a humanidade a redenção da dor" (MOLTMANN, 2011, p. 61).

O corpo de Cristo chagado é o mesmo de tantos injustiçados, ao redor do mundo, vítimas da violência. No foco do amor está a natureza transgressora da doação de Deus, como aquilo que excede toda barreira: "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e vossa mente em Cristo Jesus" (Fl 4, 7).

4 Pondo os pés nas pegadas do mestre

"Derrubou dos tronos os poderosos e elevou os humildes"
(Lucas 2,51)

"Dei-vos os exemplos, se Eu, que sou Senhor e Mestre, vos lavei os pés, da mesma forma, vós deveis lavar os pés uns dos outros" (Jo 13, 13-14). Esta linguagem teológica permanece desconcertante, estranha, perplexa, não somente para

Pedro, como também para nós. O texto da Carta aos Filipenses é emblemático para contextualizar o que se está dizendo: "Jesus, embora fosse de condição divina, não usou de seu direito de ser tratado como Deus, mas se despojou, assumindo a condição de escravo, tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto humano" (Fl 2, 6-7).

A consumação deste momento é o esvaziamento do sacrifício do amor divino levado à plenitude e ao paradoxo místico: morte e vida de Jesus. Ao dizer: "tudo está consumado", significa que isso termina aqui? A resposta é sim ou não. Com a face envolta em trevas, o grito de Jesus na cruz serve para chamar aqueles que ainda não encontraram a sua voz, as vítimas das quais foram roubadas as suas dignidades. Desta forma, tornamo-nos participantes do mistério de sua paixão-morte e ressurreição e, portanto, coerdeiros de seu reino de justiça e paz.

A promulgação de viver a morte de Deus, na fé, é como o derramamento do Espírito de Jesus, como audição de uma fala profundamente silenciosa: "Deixo-vos a paz, minha paz vos dou" (Jo 14, 27). O mistério da encarnação é também encarnação *kenótica* da morte de Deus.⁴ Sendo assim, o foco do evento Jesus serve como arquétipo para uma compreensão da paz que abraça a nossa vulnerabilidade para nos ensinar que isto não é tão somente uma metáfora descritiva, mas uma pedagogia que integra e escolhe o diferente: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 13, 34).

Dessa forma, o sofrimento de Jesus é interpretado como um ato batismal (Lc 12, 50) aceito livremente, onde o Filho é imerso completamente na graça do Pai para salvação e paz ao mundo: "Por isso Deus o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome" (Fl 2, 9); sua vida inspira constantemente homens e mulheres para serem corajosos frente às ameaças de um mundo violento.

⁴ Segundo Gibellini: "O Verbo que se fez carne precisa ser interpretado dialeticamente. O Deus transcendente desceu à carne do processo do mundo e morreu como transcendência vazia e isolada" (GIBELLINI, 2002, p. 144). Deus, em sua relação amorosa com o Filho, deseja estabelecer uma relação de proximidade com o ser humano. Esse amor se desdobra na Encarnação do Verbo, como transcendência na imanência: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1, 14). Desta forma, o divino experimenta a humanização em sua expressão mais radical. Isso só acontece porque Deus, por livre iniciativa, decide entrar em comunhão com a humanidade para redimi-la de sua dor e de seu pecado. Analogamente, podemos afirmar que a Encarnação *kenótica* é esse descer a todas situações e realidades desfiguradas que precisam ser tocadas pelo amor misericordioso de Deus.

Um segundo aspecto a ser lembrado é que Jesus pediu aos seus discípulos para ficarem vigilantes em seus discursos religiosos, não politizando posturas violentas: "Guarde a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão" (Mt 26, 52). As singularidades das experiências nem sempre podem ser harmonizadas, mas nem por isso precisam ser combatidas.

Finalmente, o objetivo de viver juntos: "para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti para que também eles estejam em nós" (Jo 17, 21) revela a capacidade colaborativa da religião de religar os diferentes aspectos da vida, que vai além de um simples reconhecimento do pluralismo, mas envolve as pessoas em um diálogo profundo, que oportuniza um crescimento recíproco, pois o amor d'Ele em nós supera todo orgulho egoísta que possamos nutrir.

Considerações finais

"Então Ele (o Messias) julgará as nações e será o árbitro de povos numerosos. De suas espadas fabricarão enxadas e de suas lanças farão foices. Nenhuma nação pegará em armas contra outra, e ninguém mais vai se treinar para a guerra".
(Isaías 2, 4)

A visão reducionista, que vincula terrorismo à religião, não afeta apenas às relações humanas em geral, como gera desconfiança na maneira com que convivemos com o "diferente", gerando medo e políticas restritivas, constituindo-se em uma experiência catastrófica que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva. Para isso, uma releitura de cada uma das tradições religiosas torna-se indispensável. Do outro lado, a danosa mensagem passada por alguns países do Atlântico Norte, de que a cristandade deve responder com violência tais atos, é extremadamente prejudicial para a fé em Jesus e Sua verdadeira mensagem. Deveriam agir como exorta São Paulo, na carta aos Romanos: "Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem" (Rm 12, 21). Por isso, *Kenosis* de Jesus revela-se ainda mais central para concretizar efetivamente a paz.

Como na sua época, ainda hoje existem pessoas que excluem automaticamente qualquer situação que pareça liberal ou que provoque alguma mudança ou outro entendimento, tornando um gatilho para relações explosivas. Refere a Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*: "Os desequilíbrios que o mundo contemporâneo sofre veicula-se àquele desequilíbrio mais profundo que está no coração humano" (GS n. 10). Esse tipo de atitude tem gerado a polarização e excluindo todo e qualquer pensamento divergente: "Por isso, sofre em si mesma uma divisão da qual provêm tantas e tão graves discórdias na sociedade" (GS n. 10). O diálogo faz-se necessário para criar os espaços públicos de interações construtivas; esse é um elemento crucial para vencer a estigmatização. Desta forma, é preciso, um entendimento dos diferentes atores, sobretudo, no que diz respeito à cooperação estratégica, em uma área economicamente importante. Sem essa clareza, todos os esforços não somente serão ineficazes, como também contraproducentes. É fundamental tomar consciência do papel que a religião pode assumir, tornando-se catalisadora das frustrações e dos anseios de liberdade e autonomia. À luz da radicalização das identidades, o cristão é convidado a promover a cultura de paz, onde os muros do ódio e da intolerância se levantam (EG n. 67).

Referências

- BALDWIN, J. *The fire next time*. New York: Dial Press, 1963.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- BRIGHTENI, A. *Reconstruindo a Esperança: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o último homem*. São Paulo: Rocco, 1992.

GIBELLINI, Rosino (org.). *A Teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.

GIRARD. René. *Eu via Satanás cair como relâmpago*. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

KÜNG, Kans. Religion, violence and "holy wars". *International Review of the Red Cross*, London, v. 87, n. 858, p. 253-268, jun. 2005.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

PINTO, Raphael. *Você tem medo de quê? A busca por segurança em tempos de mercados globais*. In: *Instituto Humanitas Unisinos*. IS. I., 13 ago. 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611967-voce-tem-medo-de-que-a-busca-por-seguranca-em-tem-pos-de-mercados-globais-por-raphael-colvara-pinto>. Acesso em: 18 set. 2021.

Raphael Colvara Pinto

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor convidado no Boston College, em Boston, EUA.

Endereço para correspondência

Raphael Colvara Pinto

Saint Charles Borromeo Parish
280 Main Street- Woburn- MA- USA

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.